

# IMAGENS DE VELHICE E LOUCURA EM RONALDO CORREIA DE BRITO

Joelson Santiago Santos (UNEB)  
[j.santhiago@hotmail.com](mailto:j.santhiago@hotmail.com)

## 1. *Introdução*

Nesse trabalho, pretende-se analisar o conto “A espera da volante”, do livro *Faca* (2003), de Ronaldo Correia de Brito. Essa narrativa reúne tipos sociais desprestigiados pela sociedade fomentada na lógica do discurso capitalista: um velho e uma louca. Dentro dessa perspectiva perversa, esses sujeitos são considerados inaptos para “produzirem”; no entanto, a personagem Irineia considerada “uma doida varrida” por todos da região, faz interferências muito conscientes e reflexões importantes no desenrolar do enredo, já o Senhor é caracterizado pelo acolhimento, perspicácia, vivacidade e por sua notória experiência nos viveres do mundo.

A partir dessas questões, objetiva-se apresentar as imagens da loucura e da velhice construídas na narrativa estudada. Para tanto, será utilizado como referencial teórico para iluminar a leitura do conto de Brito Ecléa Bosi no livro *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos* e de Michel Foucault com seu trabalho em torno das relações de poder e categorização da loucura.

O texto foi dividido em três partes intuito de melhor organizar a ideias aqui defendidas, na primeira parte é apresentada algumas informações sobre o autor do conto analisado: Ronaldo Correia de Brito, na segunda parte é feita uma sintética abordagem sobre a velhice e loucura como categorias sociais e por fim é realizada uma apresentação da análise dessa narrativa de Ronaldo Correia de Brito, que se encontra no livro já citado acima.

## 2. *Algumas considerações sobre o autor*

O cearense Ronaldo Correia de Brito (1951-) nasceu em Saboeiro, mas vive no Recife desde os 17 anos. Ele combina as profissões de escritor, dramaturgo, contista, documentarista, psicanalista e médico. Ficou mais conhecido como escritor após as publicações dos elogiados livros de contos *Faca*, em 2003, e *O livro dos homens*, publicado em 2005 –

ambos pela editora Cosac Naify; mas também publicou, em 1997, *As Noites e os Dias* (contos) pela editora Bagaço. Já pela editora Alfaguara possui um romance, *Galileia* (2009), que foi considerado pela crítica um dos melhores livros do ano de 2009 da literatura brasileira, vencedor também do Prêmio São Paulo de Literatura, concedido pelo governo paulista, o qual concorreu como nomes como: João Gilberto Noll, José Saramago, Milton Hatoum, Moacyr Scliar e Silviano Santiago; e em 2010 publicou *Retratos Imorais*, livro de contos, também pela editora Alfaguara, além do livro infanto-juvenil *O pavão Misterioso*, esse último publicado em 2004 e vinculado pela editora Cosac Naify. Sua última publicação foi o livro: *Crônicas para ler na escola*, pela editora Objetiva em 2011.

Ronaldo Correia de Brito é um homem multifacetado, inquieto e cheio de atividades, já recebeu o convite para ser escritor residente e professor visitante na Universidade de Berkeley (Califórnia), em 2007, realiza curadorias, além de colaborar com vários periódicos, como *Terra Magazine*, *Bravo!* e *Continente Multicultural*. Envolveu-se na produção cinematográfica nacional.

Sua produção narrativa compõe um cenário imerso em poeticidade, o prosador contempla em vários momentos na construção de seu texto uma boa dose de lirismo, na qual a linguagem utilizada vai tecendo com precisão as expressões e ações das personagens. Além disso, a ambientação cênica de suas histórias compõe uma atmosfera temporal que permeia o passado e o presente, ou até mesmo um tempo suspenso, contínuo ou parado para uma visualização de cada detalhe da trama narrativa.

Os desfechos de tom trágico, cortante ou transgressor são um ponto forte na contística do autor, que promove no leitor uma dupla reflexão: a vida absurda das personagens e o signo da morte. Tudo isso num cenário que remete através da linguagem, das imagens e caracterização das personagens, ao universo do sertão, mas que não deixam, por isso, de conseguir representar dilemas universais, que aqui foram, apenas, destacados a loucura e a velhice.

### **3. Velhice e loucura**

Os velhos e os loucos constituem-se categorias sociais que estão intrinsecamente ligadas com as formas em que as relações de poder for-

matam a sociedade, através das variadas áreas do conhecimento como a medicina, história, política, psicologia, por exemplo.

Ecléa Bosi (2009) em *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos* apresenta a velhice como uma categoria social que possui uma espécie de estatuto com especificidades norteadas por questões geográficas e temporais, pois:

Cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. A sociedade industrial é maléfica para a velhice. Nas sociedades mais estáveis um octogenário pode começar a construção de uma casa, a plantação de uma horta, pode preparar os canteiros e semear um jardim. Seu filho continuará a obra (BOSI, 2009, p. 77).

Ainda de acordo com Bosi (2005), em nossa sociedade transformada pela realidade industrial, o velho é rejeitado por ser considerado um indivíduo que já não é mais produtor, nem reprodutor de bens e/ou riquezas. Dentro dessa perspectiva, “a velhice, que é um fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro” (BOSI, 2009, p. 79), limitando essa fase da vida a uma representação depreciativa.

Já a loucura é destinada a segregação, a exclusão social, essa atitude está condicionada aos elementos da cultura, que por meio das instituições, dos saberes, das áreas do conhecimento estabelecem regulamentações para a exclusão.

Para Michel Foucault o enquadramento das pessoas em normal e anormal se tornou questão central nas ciências sociais a partir da idade média. Por meio desta constatação ele analisa historicamente tal categorização e a problematiza, pois essa classificação de louco e *não louco* é realizada de maneira simplista e possui um conceito movediço, funcionando principalmente como instrumento de controle social e repressão de manifestações contrárias à ordem discursiva estabelecida.

Em *A Ordem do Discurso*, Michel Foucault amplia a discussão apresentando os diversos procedimentos de repressão do discurso. No primeiro momento, o autor apresenta o princípio de exclusão e interdição, pois em nossa sociedade é sabido por todos que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim não pode falar qualquer coisa” (FOUCAULT, 2011, p. 09), tais questões são sintetizadas pelo autor como: “tabu do objeto” “ritual de circunstância” e “direito privilegiado ou exclusivo”.

Ainda de acordo com o filósofo francês, a política e sexualidade consistem em dois exemplos pertinentes de tabus (ou interdições) que apontam para o estreitamento entre o discurso, o desejo e o poder, ou seja, os discursos são pautados numa busca por esses dois últimos elementos.

Outro procedimento de exclusão apresentado pelo autor é a separação e a rejeição. A segregação funciona, assim, como um elemento de seletivo. O exemplo utilizado por Foucault para essa questão está na oposição razão e loucura, na qual o discurso do louco deve ser rejeitado por não apresentar um alinhamento com os outros discursos validados na sociedade. Dessa forma, segrega-se o louco por falta de possibilidade de “autenticação” do seu discurso.

Foucault (2005), ainda, acrescenta nesse procedimento de exclusão a oposição do verdadeiro e do falso, a partir desse princípio o autor apresenta como a busca da nossa sociedade por verdade, bem como os outros sistemas de exclusão; sustentam-se nas instituições legitimadas como detentoras do poder, que por sua vez, reforçam e garantem a permanência de determinados discursos; ilustrados no texto de Foucault como “o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje” (FOUCAULT, 2011, p. 17).

Além desses procedimentos de controle e delimitação do discurso, o autor continua sua abordagem afirmando que existem vários outros que funcionam internamente; dentre eles estão, o que ele nomeia de comentário (narrativas maiores que se contam se repetem e se fazem variar), a função autor e a organização das disciplinas. Em síntese, podemos dizer que tais procedimentos funcionam como mecanismos de classificação, de ordenação de distribuição, mas, sobretudo de controle da produção de discurso numa constante retomada das regras.

Para a produção de discursos de valia na sociedade, Foucault, destaca que são necessárias condições para que os indivíduos os formulem. Trata-se, portanto, de determinar pressupostos de seu funcionamento, que impõe aos sujeitos regras e, conseqüentemente, uma seleção dos mesmos, isto é, nas palavras do autor: “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2011, p. 37).

Retomo aqui um procedimento de exclusão de discursos cunhado pelo filósofo: a rejeição, para estabelecer uma relação com uma personagem de Ronaldo Correia de Brito, no conto “A espera da volante” do li-

vro Faca. Nessa narrativa, há tipos sociais desprestigiados pela sociedade fomentada na lógica do discurso capitalista: um velho e uma louca, pois os consideram inaptos para “produzirem”.

No entanto, a personagem Irineia considerada “uma doida varrida” por todos da região, tem um papel de destaque permeado por uma atmosfera carregada de misticismo no conto de Ronaldo Correia de Brito. Confirmando, assim, as atribuições místicas conferidas ao louco durante a idade média.

No conto, Irineia é dotada de estranhos poderes e, por conta disso, possui sempre uma perspectiva privilegiada, que consegue visualizar elementos muito além do que as outras personagens, ela possui altos e baixos, no seu temperamento, pautados por uma dinâmica mística baseada nas sucessões da lua, que por sua vez tem um emblemático significado nas narrativas populares que atribuem à lua capacidades intuitivas e visionárias, que reverberam de acordo com as fases de lua.

#### 4. *Margens em destaque*

O conto em estudo encontra-se na coletânea intitulada de *Faca* (2003). O livro traz em seu repertório personagens e histórias que contemplam uma vertente das vertentes da nossa literatura contemporânea que dá visibilidade e destaque para aqueles que historicamente e literariamente foram alijados ou ocultados como, por exemplo, mulheres, loucos e velhos. Tal desprestígio social é fomentado pela lógica do capitalismo, o qual os considera como seres incapazes, desgastados ou inaptos para “produzirem”.

Apesar dessa perspectiva limitadora imposta pela sociedade para essas personagens, Brito (2003) tece histórias de dificuldades, carências, estigmas, mas que, de certa forma, são superadas ou reinventadas uma ótica diferenciada da lógica capitalista. Mulheres, velhos, “loucos” possuem sempre voz ativa no desenrolar da trama, bem como relevância nas decisões, nos desfechos ou soluções, ainda que dentro da perspectiva do interdito, da força ou da transgressão na prosa ficcional de Ronaldo Correia de Brito.

Esta narrativa de Brito traz uma perseguição da polícia a três homens desconhecidos pelas pessoas da região. Um deles encontra pouso na casa de um *Senhor* muito respeitável e acolhedor da região: “A casa

possuía muitas portas e janelas, sempre abertas. Quem queria, entrava” (BRITO, 2009, p. 13).

O crime em questão, praticado pelos três forasteiros, ocorreu numa fazenda, a qual eles pediram repouso por uma noite, para na manhã seguinte seguirem em viagem. Durante a madrugada mataram os donos da casa e o seu filho, porque não encontraram nada para furtar, com essa atitude o trio fere: “A lei mais sagrada do sertão a hospitalidade, fora ferida por chagas e seus dois comparsas. As portas da casa se fechavam. Só o Velho continuava com as suas abertas” (BRITO, 2009, p. 15).

O que chama atenção do leitor é que apenas o Velho, em toda aquela região, dá pouso para um dos bandidos, numa atitude, inicialmente incoerente, que mais adiante vai se revelar aproximações com o segredo que o senhor guarda do seu passado, o qual muitos imaginavam ocultar algum crime.

Irineia também é cercada de mistério, influenciada por elementos místicos, e talvez por conta disso possua na narrativa sempre um perspectiva privilegiada, que sempre consegue visualizar elementos muito além do que as outras personagens como, por exemplo, a percepção da vinda da volante policial antecipadamente. Com suas habilidades místicas e sua atenção no trato da casa, ela se torna uma espécie de “braço direito” do Velho: “Irineia doida varrida para todos, mas sempre tão sã para o velho” (BRITO, 2009, p. 11).

Essa personagem é uma mulher de fases; possui “altos e baixos” por uma dinâmica mística baseada nas sucessões da lua, que por sua vez tem um emblemático significado nas narrativas populares que atribuem à lua capacidades intuitivas e visionárias, que reverberam de acordo com as fases da lua, que a tornam, como uma espécie de elemento mágico. Essa mulher, apesar de atuar na narrativa como coadjuvante, configura-se como peça fundamental na trama, ou seja, ela de tudo está ciente, tudo vê antecipadamente, além de refletir introspectivamente sobre os fatos passados e presentes daquela casa, do seu morador e da sua visita perigosa e, principalmente, a volante policial que procura com voracidade os bandidos.

Ademais, o narrador nos fornece informações que apontam para atenuantes dos percalços no viver de Irineia, quando aborda, por exemplo, a sua necessidade de descanso, só encontrado na casa do seu patrão, o Velho: “Irineia podia descansar o corpo dos espinhos, apumar a cabe-

ça no rumo de pensamento certo. Eram tantas as estradas corridas, tão raros os pousos como a casa do Velho” (BRITO, 2009, p.14); mais adiante:

Irineia aparecia sempre, escapada dos cães, das estradas, da perseguição dos homens que queriam deitar com ela, do ciúme das mulheres abandonadas pelos maridos. Na casa do Velho, descansava o corpo maltratado, sentindo-se salva de todos os perigos [...], a casa do Velho, repouso dos medos (BRITO, 2009, p. 16).

Percebemos, a partir dessas passagens, que Irineia aproxima da imagem que se fazia da loucura, em especial, na renascença, a qual era atribuída aos loucos certos dons míticos, sobrenaturais ou visionários e até mesmo crítico da realidade como registrou *Foucault na História da loucura*. Ronaldo Correia de Brito no conto em questão apresenta ao leitor personagens em situações desprestigiadas em nossa sociedade, mas que na sua literatura ganham força, destaque, voz e, muitas vezes, vez nos seus universos. Enfim expressões que em nossas realidades são desconsideradas, em Brito são ressignificadas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Faca*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2011.

\_\_\_\_\_. *História da loucura: na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2009.